

Estudos da Língua(gem)

Linguagem, psicanálise e memória

Paradoxos da memória em psicanálise

The paradoxes of memory in psychoanalysis

Ana Maria RUDGE*

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO (PUC-RIO/BRASIL)

RESUMO

Os paradoxos da concepção psicanalítica de memória são tomados por sua especificidade epistemológica. Um percurso pela metapsicologia freudiana é empreendido, destacando que a memória é intimamente articulada à constituição da pulsão. Destaca-se também que o conceito de memória em psicanálise é incompatível com a ideia de que o objetivo do tratamento fosse, para Freud, a recordação. Esse objetivo só vigorou em um momento que poderia ser chamado de pré-história da psicanálise

PALAVRAS-CHAVE: Memória. Rememoração. Pulsão. Metapsicologia.

*Sobre a autora ver página 92.

ABSTRACT

The paradoxes of the psychoanalytic concept of memory result from its epistemological specificity. A journey through Freud's metapsychology is undertaken, highlighting that memory is intimately articulated to the constitution of the drives. It is also highlighted that the concept of memory in psychoanalysis is incompatible with the idea that the goal of the treatment was, for Freud, to remember. This objective only ran in a moment that could be called the pre-history of psychoanalysis.

KEYWORDS: *Memory. Remembering. Drive. Metapsychology.*

1 Considerações iniciais

A memória, tal como pensada na teoria freudiana, apresenta paradoxos que surpreendem a uma primeira vista. O primeiro diz respeito ao papel estruturante das experiências da primeira infância, que Freud representa metapsicologicamente como uma memória permanente e inerradicável. Pois essa potência da memória é relativizada pelo fato de que ela não se expressa em recordações. As primeiras memórias sucumbem inteiramente à amésia infantil, e nossa ideia do passado é construída de recordações encobridoras. Como observa Lacan, “o próprio conceito de recordação encobridora mostra a desconfiança do analista de tudo o que a memória pensa que reproduz” (LACAN, 1976, p. 22).

Embora não se manifeste em recordações, o resíduo das experiências infantis vai ter efeitos. Surge então outro paradoxo. O resíduo se manifestará por meio de uma repetição compulsiva, e não de uma adaptação à realidade, como o seria na concepção biológica ou no senso comum do que seja a memória. Ela deveria permitir não repetir os passos que levam ao sofrimento, fosse ela adaptativa, mas o que se dá é a repetição compulsiva.

Esses paradoxos que têm sido observados na concepção freudiana de memória não provocarão surpresa se a especificidade do campo psicanalítico for levada em conta, com o que tem de inédito e irreduzível a qualquer outro. As palavras funcionam como conceitos na linguagem teórica; e o sentido delas não está dado pelo seu uso corrente,

ou em outro campo teórico qualquer, mas, sim, pelas relações entre os conceitos teóricos no interior de seu sistema (ALTHUSSER, 1967, p. 50). A concepção de memória na psicanálise é peculiar a seu campo. Não poderia ser de outra forma, visto que essa memória é em grande parte inconsciente e, além do mais, pulsional.

Advertidos de que a memória conceituada dentro do sistema teórico da psicanálise nada tem a ver com a memória do senso comum ou da biologia, partamos então para o estatuto das memórias e recordações na teoria freudiana. A relevância do tema é correlativa à importância atribuída por Freud aos primeiros anos da infância na constituição das vigas mestras do psiquismo; a partir disso, a discussão sobre a memória é alçada a um lugar central na metapsicologia.

Sobre o valor fundamental de determinação dado à primeira infância, dirá, já ao final de sua obra, que a experiência analítica convence da verdade de que a criança é pai do adulto, tal a importância dos primeiros anos de vida (FREUD, 1938). Em termos metapsicológicos, escolhe representar esse papel nuclear da primeira infância pela concepção de uma memória permanente. Esse período crucial sucumbe à amnésia infantil, amnésia que adquire um valor verdadeiramente estrutural. Desde 1899, no luminoso artigo sobre as recordações encobridoras, estabelece que a amnésia infantil não diz respeito apenas às lacunas na história que nos é restituída por nossas recordações – sempre descontínuas – dos primeiros anos. Considerando todas as lembranças da infância que nos são disponíveis pela rememoração como encobridoras, amplia o alcance da amnésia para todo um período que poderíamos designar como nossa pré-história e mantém essa posição até seus últimos trabalhos.

A especificidade de nossa concepção de memória, irreduzível a qualquer outra, está em que as memórias mais persistentes e fundamentais, as que têm os maiores efeitos na determinação de toda a vida futura, são irremediavelmente perdidas, jamais estarão disponíveis para a rememoração.

Nesse passeio pelo tema da memória na obra freudiana, esbarramos com uma dificuldade. Freud não apresenta uma teoria

sistemática da memória, apesar de reconhecer o papel central que ela assume na psicanálise em cada etapa de suas construções teóricas. Além disso, os textos utilizam a linguagem cotidiana, sem maior preocupação com a padronização da terminologia. Os termos memória, recordação, reminiscência, lembrança e traço mnêmico são utilizados de forma relativamente aleatória, só o contexto podendo nos orientar em relação à significação que assumem a cada vez em que aparecem. Apesar disso, encontramos toda uma coerência no que diz respeito ao tema que sustenta a especificidade da concepção psicanalítica da memória.

A expressão “traço mnêmico” é a mais frequentemente utilizada para designar os resíduos das experiências da primeira infância, para sempre inconscientes, mas dotados de valor de determinação. Esses traços, que não são jamais acessíveis à rememoração como tais, são “traços duráveis que formam a base da memória, restos que são lembranças e que não têm nada a ver com a consciência. As mais intensas e tenazes dessas lembranças são aquelas deixadas pelos processos que nunca alcançaram a consciência” (FREUD, 1920, p. 25).

2 Constituição mítica do psiquismo

Vejamos com mais detalhes como foi teorizado o valor estruturante dos resíduos das experiências infantis, ao mesmo tempo em que estes são da ordem do não rememorável, e que o único depoimento sobre essa fase da vida a que podemos ter acesso é aquele, sempre cifrado, constituído pelas recordações encobridoras.

Os diversos esquemas do psiquismo que Freud vai desenhando, de acordo com seus propósitos em cada texto, vêm sempre acompanhados pela advertência de que são convenções bastante toscas, que visam facilitar a transmissão. As experiências da primeira infância são tratadas de formas diversas. Poderíamos falar de modelos, mas como a psicanálise tem uma modesta pretensão de rigor, é melhor escolher o termo metáfora, ligado à retórica, mais do que à metodologia científica, para denominá-los.

A primeira metáfora é a que se encontra no *Projeto de uma*

Psicologia para neurologistas, em que, dentro de uma construção de inspiração neurofisiológica, a memória é representada como constituída por uma rede de facilitações entre as barreiras de contato que ligam os diferentes neurônios. As experiências infantis deixam como resíduo caminhos e direções preferenciais que irão subjazer os processos psíquicos a partir de então.

Já a expressão “traço mnêmico” remete a uma escrita cujos caracteres não podem ser apagados, embora sejam modificados pela integração em outras e novas configurações. É uma metáfora que está presente tanto nas inscrições e transcrições que habitam o modelo de aparelho psíquico apresentado na *Carta 52*, quanto, bem mais tarde, no *Bloco Mágico*. Examinaremos as duas metáforas, buscando delimitar os aspectos fundamentais do que Freud, em sua linguagem coloquial e de enorme encanto literário, estabelece com consistência como uma construção especificamente psicanalítica da memória. O valor que foi dado a esse projeto é claro na seguinte afirmativa de Freud: “Uma teoria psicológica digna de consideração precisa fornecer uma explicação para a ‘memória’” (FREUD, [1895] 1950, p. 299).

Na tentativa de elaborar uma construção sobre a memória, Freud se apoia no argumento originalmente apresentado por Breuer, de que seria necessário diferenciar o aparelho perceptivo do aparelho responsável pela memória. Se a percepção requer imaginarmos um aparelho que possa sempre retornar a seu estado original para acolher novas percepções, a função da memória requer que toda percepção crie modificações permanentes. Essas duas condições contraditórias não podem ser desempenhadas por um mesmo sistema. O argumento é repetido por Freud em textos das mais diversas épocas, atravessando diversas construções do aparelho psíquico diferentes em muitos aspectos, e a exigência formulada por Breuer é sempre respeitada.

No *Projeto*, as diferentes resistências oferecidas pelas barreiras de contato são o critério para diferenciar duas espécies de neurônios, que serão, de imediato, promovidos a dois sistemas neurônicos diversos. As barreiras de contato são restritivas à passagem de energia e se localizam entre os neurônios.

O primeiro sistema neurônico é composto de neurônios permeáveis, que deixam passar livremente a energia, como se não houvesse barreiras de contato, e permanecem sempre no mesmo estado, independente das passagens de energia ocorridas. São os neurônios phi, destinados à percepção. O segundo sistema neurônico é composto de neurônios cujas barreiras de contato oferecem resistência à passagem de energia, que só parcialmente pode atravessá-las. Este é o sistema psi, aquele que representa a memória: depois de cada passagem, suas barreiras sofrem modificações permanentes. É importante assinalar que o sistema psi, por ser o lugar das memórias, também o será “provavelmente dos processos psíquicos em geral” (FREUD, (1895] 1950, p. 300).

Após cada passagem de energia pelas barreiras de contato do sistema psi, elas se tornam mais permeáveis, deixando como resíduo uma facilitação_[*Bahnung*]. A memória é representada pela rede diferencial de facilitações entre os neurônios do sistema psi.

O sistema psi representa metapsicologicamente como as primeiras experiências deixarão como seu produto duradouro certas tendências, ou certos caminhos preferenciais. É porque as barreiras de contato são diferentemente facilitadas que certas vias terão preferência sobre outras. As facilitações diferenciadas entre os neurônios determinam a direção a ser tomada pela energia e representam a memória. É importante notar que aqui o que está sendo constituído a partir das experiências infantis não é apenas a memória, mas simultaneamente uma tendência, ou força, indistinguível do “desejo primário”, como é chamado no *Projeto*. Sem dúvida, é aquilo que Freud posteriormente conceituará como pulsão. Trata-se, portanto, de uma memória “desejante” ou pulsional.

Teorizar o surgimento de forças batizadas de desejo e de repulsa é o verdadeiro tema da construção desse sistema capaz de memória. A topografia do psiquismo modelada nas primeiras experiências determina caminhos preferenciais, e o que Freud chama de memória é essa topografia. Quando energias efetivamente trilham os caminhos facilitados, é que podemos falar de forças: a força do desejo, que visa ao reencontro do objeto, e a da repulsa, que busca evitar o objeto. Vejamos por que vias isso se dá.

O sistema de neurônios psi, como vimos, através de facilitações topograficamente determinadas em suas barreiras de contato, guarda imagens mnêmicas (essas se referem tanto a objetos externos, quanto a acontecimentos internos), que estabelecem associações entre essas memórias. Nas primeiras experiências de satisfação, surgem facilitações entre a memória do objeto de satisfação e a memória do estado de tensão. Quando a experiência é de dor, surgem facilitações entre a memória do objeto hostil e neurônios chamados “chave”, que provocam, ao serem ativados, um aumento de tensão. Todo o aumento de tensão em psi é registrado como uma sensação de desprazer pelo sistema perceptivo.

As facilitações permanentes, que são os resíduos dessas experiências, deixam atrás de si motivos para certas passagens “*que são de um tipo compulsivo*” (FREUD, [1895] 1959, p. 322). Quando se restabelece um estado de tensão desprazeroso em psi, surge uma força no sentido de buscar a percepção do objeto de satisfação, pela reprodução da experiência de satisfação através do investimento alucinatório de sua memória.

Se o objeto hostil surgir ou for evocado, uma força oposta, repulsa ou defesa primária, busca suprimir sua percepção, desinvestindo os traços mnêmicos, evitando assim o desprazer.

Os processos psíquicos primários correspondem à operação dessas duas forças, desejo e repulsa (defesa primária), que, do ponto de vista econômico, correspondem ao regime de livre escoamento da energia pelos caminhos facilitados, levando a uma descarga imediata.

É importante delimitar o status dos processos psíquicos primários puros. Na descrição do *Projeto*, eles correspondem a uma gênese mítica do psiquismo. Em todo o campo da prática analítica, os fenômenos com que temos de nos haver – sonhos, atos *falhos*, transferência, *acting out* ou mesmo passagens ao ato – só podem ser entendidos teoricamente como algo que se passa entre processos primários e secundários, supondo a operação de ambos, e nunca a do processo primário puro. É na interseção entre os dois processos que situamos o que ocorre na prática.

A consequência da experiência de satisfação é que qualquer acumulação de excitação sentida como desprazer colocará o aparelho em

ação para repeti-la. Essa construção é suficiente para nos mostrar que Freud não está tratando de uma memória de ordem cognitiva, mas, sim, da constituição de um psiquismo “desejante”, que se instaura a partir dos primeiros vínculos entre a criança e o adulto que a atende, e que responde às peripécias singulares dessas primeiras experiências.

As facilitações resultantes das experiências infantis serão recobertas por uma nova organização, o eu, constituída pela extrema facilitação entre certos neurônios, o que lhes permite manter uma energia constante que servirá para a inibição dos processos primários através de investimentos laterais. Assim, o eu forjará facilitações transitórias, que servirão para inibir tanto o investimento alucinatório desejante, quanto o desprendimento de desprazer pelos neurônios-chave. Essa inibição impedirá o livre escoamento de energia pelas facilitações permanentes, ligando a energia, e esta é a condição de possibilidade para que o sujeito possa diferenciar entre memória e percepção e representa a inauguração dos processos psíquicos secundários.

Rapidamente a metáfora neurofisiológica dará lugar à metáfora da escrita para figurar a memória. Esta é especialmente presente na *Carta 52* (FREUD, 1896) e em *Nota sobre o bloco mágico* (FREUD, 1925). A metáfora da escrita na metapsicologia freudiana foi elogiosamente destacada por Derrida (1967). O filósofo critica no estruturalismo linguístico o privilégio concedido à fala, às expensas da escrita, visto que é a esta que concede anterioridade (DERRIDA, 1967). Em sua batalha contra o fonocentrismo, saúda o recurso metafórico freudiano à grafia, à escrita não fonética, notando que a estrutura do aparelho psíquico é representada como uma máquina de escrita. O signo (*Zeichen*), a inscrição (*Niederschrift*) e a transcrição (*Umschrift*), elementos que compõem o aparelho psíquico na *Carta 52*, são louvados por Derrida como índices do aparecimento de uma conceitualidade gráfica inédita.

Reiterando que percepção e memória são funções que apresentam condições irreconciliáveis, tendo que ser atribuídas a sistemas diferentes, a *Carta 52* localiza a consciência, ligada à percepção, em um lugar diferente da memória. A memória é representada de

forma estratificada, em várias camadas. A sucessiva transcrição dos traços mnêmicos, segundo novas relações e signos, implica que eles recaem, a cada nova camada, em novas leis de funcionamento. As neuroses são anacronismos, sobrevivências de registros anteriores, quando as transcrições não se dão como esperado.

O primeiro registro de memória, constituído de signos de percepção (*Wahrnehmungszeichen*), é a primeira inscrição das percepções, totalmente inacessível à consciência e organizado segundo associações por simultaneidade. Os dois outros registros são o Inconsciente e o Pré-consciente. O último é o “eu oficial”, ligado às representações-palavra, que tornam possível a consciência do pensamento. Só o último registro, que implica o domínio da linguagem, permite a consciência do psíquico e, portanto, a história. Não há qualquer consciência do passado que não se dê dentro de uma narrativa.

A metáfora da escrita encontra sua formulação mais clara no texto sobre o bloco mágico, quando uma folha de papel escrita à tinta, que preserva permanentemente o que sobre ela é escrito, é comparada a uma parte materializada do aparelho mnêmico. Percepção e memória são concebidas novamente como dois sistemas relacionados, mas separados. A folha de cobertura do bloco mágico, composta de uma folha de celuloide e um papel encerado, tal como o sistema percepção-consciência, recebe a escrita. Esta irá desaparecer assim que a folha for levantada, deixando a superfície do bloco apta a receber novas impressões. A prancha de cera que fica atrás é comparada à memória, visto que preserva traços indelévels, que podem ser observados contra a luz, do que foi escrito e apagado na folha anterior.

Sabemos que Freud comparou os sonhos a um escrito hieroglífico, que convida à decifração na clínica. É importante notar que a metáfora da escrita, no nível da constituição do psiquismo, e o “texto” a ser decifrado em análise, como o conteúdo manifesto dos sonhos, são de ordem diversa e não devem ser confundidos. Derrida, ao mesmo tempo em que comemora a coincidência da metáfora da escrita, que lhe é cara, nesses dois contextos, ressalta que se trata de dois níveis diversos, um

que diz respeito ao “sistema não psíquico do psíquico” (DERRIDA, 1967, p. 325) e o outro, ao propriamente psíquico.

Na verdade, o que o trabalho de decifração do sonho, como “texto hieroglífico”, desvela são os pensamentos oníricos, que, em sua estrutura, são pensamentos transicionais. Os desejos originários da infância, “caminhos que podem sempre ser atravessados desde que uma quantidade de excitação os utilize” (FREUD, 1900, p. 577), indestrutíveis e sempre em atividade, só podem exercer efeitos ligando-se a pensamentos normais, de vigília, e transferindo a eles sua carga, ou seja, através da transferência para experiências atuais, em formações substitutivas que são inéditas. Os pensamentos do sonho são sempre ligados a algo atual, ao recalque que teve lugar na véspera, ao “recalque nosso de cada dia”.

Aquilo que a criança experimentou sem compreender, porque não dispunha da linguagem, ela não poderá rememorar, mas, mais tarde, “irromperá em sua vida como impulsos obsessivos, governará suas ações, decidirá de suas antipatias e simpatias e, muitas vezes, determinará sua escolha de objeto amoroso, para a qual é tão frequentemente impossível achar uma base racional” (FREUD, 1939, p. 126).

3 Recordações encobridoras

Os traços mnêmicos inapagáveis da infância, como vimos, não dão origem a recordações; estão soterrados sob a amnésia infantil. A reconstituição da história de vida pela memória, que nos fornece uma “cadeia sequencial de eventos” (FREUD, 1899, p. 303), só está presente a partir de certa idade, entre 6 e 10 anos, aposta Freud.

As recordações esparsas da infância são recordações encobridoras. Elas se nos apresentam, muitas vezes, com um cunho de intensidade sensorial pouco usual, experiências triviais, que devem sua intensidade a seus laços associativos – geralmente forjados a partir de uma ponte verbal – com experiências recalçadas. As experiências recalçadas que se escondem atrás das recordações encobridoras, acessíveis a uma reconstrução em análise, são de uma fase posterior ao momento em que

a amnésia infantil coloca um ponto de basta em nossa rememoração da história individual. A recordação encobridora é retroativamente projetada para esse período inteiramente inacessível.

As recordações encobridoras são inseparáveis de fantasias. Freud as caracteriza pela posição do sujeito que, nessas recordações, está posicionado como um observador externo à cena rememorada, na qual participa como uma criança. Com isso, quer demonstrar que não há coincidência entre o conteúdo da recordação e uma possível impressão original, já que, nesta, o sujeito teria estado envolvido com a situação, sem se ver como a um outro. Essa característica da recordação encobridora, como já foi destacado por Laplanche e Pontalis (1988), coincide inteiramente com a que será posteriormente atribuída por Freud à fantasia. Também está presente nos sonhos em que, como observadores externos, nos vemos como um dos personagens na cena onírica.

As recordações da infância são todas forjadas depois que o recalçamento tornou-se eficaz na vida psíquica, posteriormente à primeira infância, e não se caracterizam pela precisão histórica. A infância como efetivamente ocorreu está soterrada para sempre. Jamais será conhecida, embora preserve para sempre sua eficácia.

Surpreende, ao acompanhar esse texto, a persistência de leitores de Freud em considerar que a rememoração completa do passado teria sido, para Freud, o objetivo do tratamento psicanalítico. Tão cedo quanto em 1899, ele já coloca um limite absoluto à rememoração.

A fase em que a rememoração era efetivamente o objetivo último do tratamento limitou-se ao período pioneiro dos estudos sobre a histeria, período considerado por Freud como a pré-história da psicanálise, em que o sintoma histérico era considerado como símbolo mnêmico de um evento traumático do passado. Passemos a esse momento.

4 Sintomas como reminiscências

Nos tempos heroicos da descoberta freudiana, as torções teóricas são muito ágeis, já que um novo campo está se abrindo. As histéricas sofrem de reminiscências, esse é o eixo central ordenador da nova

clínica catártica. A memória de uma impressão traumática, a que não se pôde ab-reagir, é dissociada da massa de ideias, e seu registro mnêmico passa a agir como um corpo estranho no psiquismo. O acontecimento traumático provocou um aumento na soma de excitação ou afeto. Se uma reação motora ou verbal foi impossível, a sua memória dá origem ao sintoma. A rememoração do acontecimento traumático é buscada porque permitirá a ab-reação do afeto que ficara estrangulado, tanto pela expressão de emoções, quanto pelo trabalho associativo sobre a memória do ocorrido. Com isso, a memória “[...] perde intensidade e finalmente a rememoração, tendo perdido seu afeto, cai vítima do esquecimento e do processo de desgaste” (FREUD, 1893, p. 37).

A inscrição mnêmica do trauma, como um verdadeiro corpo estranho, dissociada e incapaz de consciência, manifesta-se no sintoma que, como um símbolo mnêmico, encarna a reminiscência.

Dayan (1973) observa que, nessa fase, há duas formas alternativas de relação com o passado e com a memória do incidente traumático. A primeira é o sintoma, e a segunda é a rememoração em análise. Existe uma espécie de cisão e uma reversibilidade entre ambas. Quando o incidente é recordado, o sintoma, como símbolo mnêmico, desaparece.

Esse momento muito precoce da teoria, em que apenas a dissociação da consciência produz uma ideia inconsciente, e não foi estabelecida a hipótese do inconsciente como universal, é o único em que o objetivo do tratamento é efetivamente a recuperação de uma memória, cuja rememoração seria suficiente para a remoção do sintoma.

5 A memória no sonho

Ao insistir em que todo o material onírico deriva de experiências passadas e é lembrado e reproduzido no sonho mesmo quando não acessível na vida de vigília, estaria Freud admitindo que as memórias das primeiras e mais significativas experiências da infância poderiam desbravar o acesso à consciência? Não é disso que se trata.

Efetivamente, Freud toma como uma contribuição de seu estudo sobre os sonhos para uma teoria geral da memória a ideia de que nada

do que se possui mentalmente se perde. Essa impressão deriva de vários exemplos que confirmam que conhecimentos e informações inteiramente esquecidos são utilizados nos sonhos. Bastos comenta como Piaget (PIAGET; INHELDER, 1979, p. 383) se espanta diante de uma memória que não se adapta à realidade, visto que “considera que Freud tenha elaborado uma teoria da ultra-conservação, até a suposição de que nada se perde nem se altera nunca” (BASTOS, 1999).

A função da recordação nos sonhos hipermnésicos é modesta. Pode ser reconhecida como a função do passado, destacada por Lacan (1992), de ser o campo onde podem ser encontrados os significantes com os quais são urdidos não só sonhos, como sintomas e fantasias.

O “material para reprodução” (FREUD, 1900, p. 11), inacessível na vigília que está em jogo nos exemplos freudianos, são exatamente significantes: palavras em língua estrangeira que não se conhecem, citações, palavras obscenas com as quais não se está familiarizado etc.

Estes significantes não têm necessariamente sua fonte na infância. Freud relata que grotescas figuras de granito apareciam seguidamente em seus sonhos; elas o intrigavam, pois não conseguia se lembrar de onde elas se originavam. Ao visitar Pádua em 1907, encontra exatamente as figuras que frequentavam seus sonhos, em um sítio que havia conhecido em 1897.

As recordações que surgem nos sonhos hipermnésicos não são importantes em si mesmas, mas apenas como significantes que servem para expressar o pensamento do sonho, que Freud insiste em que é um pensamento articulado verbalmente, como o de vigília. Em outro sonho, Freud encontra um médico de sua cidade natal, de cujo rosto não mais se recordava. No sonho, esse rosto fora substituído pelo de um antigo professor seu, que ainda revia ocasionalmente. Ao questionar sua mãe sobre o tal médico, Freud descobre que este possuía apenas um olho, tal como o professor cuja fisionomia aparecia no sonho, condensada com a do médico. Identificada a ligação entre ambos como sendo o traço de terem apenas um olho, percebe-se que estas figuras do passado apareceram apenas como veículos do significante “caolho”, sem que tivessem em si mesmas qualquer significação para o pensamento do sonho.

Conclui-se que a memória do sonho reconduz a fatos insignificantes ou indiferentes, ou seja, nunca às experiências de infância fundantes do sujeito. Portanto, a ideia defendida por Freud em 1900 de que todas as impressões, por mais insignificantes que sejam, deixam um traço inalterável e podem ressurgir um dia, ideia de Delboeuf à qual subscreve, em nada indica que haveria de sua parte uma expectativa de rememoração da primeira infância.

O surgimento nos sonhos de restos de experiências passadas são uma passagem obrigatória à própria forma de expressão do sonho, condição necessária para que seja atendida a consideração à figurabilidade (*Rücksicht auf Darstellbarkeit*), processo através do qual uma linguagem pictórica substitui a linguagem verbal no sonho. Se na forma de expressão do sonho há uma evidente predominância das imagens sensoriais, especialmente visuais, todas as relações abstratas existentes em nosso pensamento verbal ou na fala já estão implicadas no conteúdo latente, no pensamento do sonho. O abstrato é transformado em imagem, as relações lógicas são expressas por meios visuais. Uma contradição entre dois pensamentos, por exemplo, pode ser expressa por algo que se transforma em seu oposto, uma conexão lógica pela aproximação no tempo ou no espaço, uma relação causal por uma sequência de imagens etc.

A “leitura” das imagens do sonho supõe que as imagens pinçadas na memória são dotadas de sentido por se organizarem em função de um discurso atual, não formulado, mas sempre presente.

6 Memória e repetição

No que diz respeito às experiências da primeira infância, a memória é concebida pela psicanálise como traço de “impressões precoces que se mantêm contra quaisquer influências” (FREUD, 1939, p. 125) posteriores. Além de inacessíveis à recordação, esses traços mnêmicos, quanto mais resultem de impressões ocorridas quando o psiquismo não estava ainda completamente estruturado, mais terão efeitos compulsivos. O papel desta concepção de memória é o de figurar a constituição das pulsões a partir dos encontros da criança com o adulto.

No belo texto de 1910 sobre Leonardo, Freud toma as recordações da infância como fundamentalmente diversas das que correspondem à idade adulta. Propondo uma analogia com a historiografia, Freud sugere que as memórias da vida adulta são fixadas durante as experiências, tal como a escrita histórica, que é a crônica dos eventos atuais. Já as da infância são fantasias construídas depois e sofrem amplas deformações, respondendo a tendências posteriores. Numa analogia com a origem da escrita da história, Freud dirá que os homens, ao desejarem compreender de onde vieram e como chegaram até o presente, interpretam os traços da antiguidade que sobreviveram nos costumes para criar a história do passado. Esta jamais será um quadro verdadeiro do passado, não só porque muita coisa se perdeu ou sofreu distorção na memória da nação, como porque a escrita não deixa de ser expressão dos desejos e crenças do presente.

A história que se constrói expressa os desejos atuais e se situa na confluência do passado com o presente, reordenando em uma segunda instância esse passado. Por que em segunda instância? Porque já é como enlaçado aos acontecimentos e vínculos atuais que esse passado pode atualizar-se, essa simples transferência já significando uma reordenação do passado.

Embora as recordações da infância sejam forjadas posteriormente e não se distingam de fantasias, Freud insistirá em que “nos primeiros três ou quatro anos de vida, algumas impressões são fixadas, e modos de reagir ao mundo externo são estabelecidos, que nunca poderão ser privados de sua importância por experiências posteriores” (FREUD, 1899, p. 92). A impressão que deixa traços indelévels, no caso de Leonardo, nada mais é que uma **impressão orgânica** da amamentação, e que, posteriormente, por meio de uma ponte casual (sugere a visão da vaca, que tem um úbere no lugar do pênis), urdiria a criação de uma fantasia orientadora da sexualidade, como a do felácio.

Ferenczi (1992, p. 268) defende que a “lembança (da primeira infância) permanece imobilizada no corpo e somente aí pode ser despertada”, visto que não se poderia esperar qualquer rememoração consciente em relação ao que nunca foi consciente. A via da repetição na transferência é o único acesso aberto à análise desses traços mnêmicos corporais.

Como observa Gori (1998, p. 149), o original não está disponível, só temos “transcrições oferecidas pelo sonho, transferência, lembrança encobridora, sintoma neurótico, a construção delirante, a alucinação, a criação artística e a produção teórica. São as vias de retorno desta memória exilada.” Essas criações se dão na interseção entre presente e passado e são produções novas, cristalizações em que as experiências atuais e o recalçado se encontram a partir de alguma analogia ou ponte, e o atual é reforçado com a energia do recalçado, e o recalçado consegue agir através do recente com sua ajuda.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. **Sobre o Trabalho Teórico**. Lisboa: Editorial Presença. Originalmente publicado em “La Pensée”, nº 132, 1967.

BASTOS, A. Sobre a lembrança. **Psicologia, Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 12, n. 3, 1999. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79721999000300006>. Acesso em janeiro de 2013.

DAYAN, M. **Freud et la trace**. Topique 11-12,. Paris: PUF, 1973.

DERRIDA, J. **L'écriture et la différence**. Paris: Seuil, 1967.

FERENCZI, S. Notas e Fragmentos. In: **Psicanálise IV**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 235-284.

FREUD, S. On the psychical mechanism of hysterical phenomena. In: _____. **The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud** (S.E.) v. II. London: The Hogarth Press, 1975. p.1-18. Edição original: 1893.

FREUD, S. A Project for a scientific psychology. In: _____. **The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud**. v. I. London: The Hogarth Press, 1975. p. 283-398. Edição original: 1895.

FREUD, S. Letter 52. In: _____. **The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud**. v. I. London: The Hogarth Press, 1975. p. 233-239. Edição original: 1896.

FREUD, S. Screen memories. In: _____. **The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud.** v. III. London: The Hogarth Press, 1975. p. 301-322. Edição original: 1899.

FREUD, S. The Interpretation of Dreams. In: _____. **The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud.** v. IV e V. London: The Hogarth Press, 1975. Edição original: 1900.

FREUD, S. Leonardo da Vinci and a memory of his childhood. In: _____. **The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud.** v. XI. London: The Hogarth Press, 1975. p. 63-138. Edição original: 1910.

FREUD, S. Remarks on the theory and practice of dream-interpretation. In: _____. **The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud.** v. XIX London: The Hogarth Press, 1975. p. 109-124. Edição original: 1922/1923.

FREUD, S. A note upon the 'mystic writing-pad'. In: _____. **The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud.** v. XIX London: The Hogarth Press, 1975. p. 227-234. Edição original: 1924/1925.

FREUD, S. Moses and Monotheism: Three Essays. In: _____. **The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud.** v. XXIII. London: The Hogarth Press, 1975. p. 7-140. Edição original: 1939.

FREUD, S. Moses and Monotheism: Three Essays. In: _____. **The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud.** v. XXXIII. London: The Hogarth Press, 1975. p. 141-208. Edição original: 1938/1940.

GORI, R. **A prova pela fala. Sobre a causalidade em psicanálise.** São Paulo: Escuta, 1998.

LACAN, J. **La relation d'objet.** Paris: Seuil, 1992.

LACAN, J. **Conferences et entretiens dans des universités nord-américaines.** Scilicet 6/7. Paris: Seuil, 1976.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J-B. **Fantasia originária, fantasia dos origens, origens da fantasia.** Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

PIAGET, J.; INHELDER, B. **Memória e Inteligência**. Rio de Janeiro: Artenova, 1979.

Recebido em abril de 2013.

Aprovado em maio de 2013.

SOBRE A AUTORA

ANA MARIA RUDGE é Doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ); docente do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise, Saúde e Sociedade, da Universidade Veiga de Almeida, e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. É psicanalista; pesquisadora do 1D CNPq e membro do GT da ANPEPP Psicopatologia e Psicanálise. É Editora-responsável da revista *Tempo Psicanalítico*. Atua principalmente nas seguintes áreas de pesquisa: psicanálise, metapsicologia, epistemologia da psicanálise, história da psicanálise, psicanálise, linguagem e cultura, e nos temas - trauma, supereu, pulsão de morte. Principais livros: *Pulsão e Linguagem* (Zahar); *Traumata* (Escuta); *Trauma* (Zahar).

E-mail: ana.rudge@uol.com.br